

CLAUDE LÉVI-STRAUSS E A CONSTRUÇÃO DOS SABERES NO PENSAMENTO AMAZÔNICO ¹

*Claude Lévi-Strauss and the Knowledge Construction of the Amazonian
Thinking*

Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra Pinto²

RESUMO

No atual cenário acadêmico brasileiro temos observado a tendência exotizante utilizada como via para compreensão e análise das cosmovisões ameríndias serem substituídas por posturas mais tolerantes frente ao arcabouço de saberes construídos pelos primeiros habitantes do continente. No entanto, ainda é necessário procurar as causas que fazem com que o modo ocidental de organização do pensamento se torne tão refratário a outras formas de racionalidade. Empenhado em construir pontes a fim de aproximar lógicas diferenciadas de entendimento, apoiamos nossa análise nas teses de Claude Lévi-Strauss (1989; 2005), a fim de refletir sobre as peculiaridades constitutivas do pensamento amazônico, de acordo com constatações observadas nos trabalhos descritivo-analíticos de Belota (2012); Amazonense (2013) e Maisel (2014), desenvolvidos na pós-graduação *strictu sensu* da Universidade Federal do Amazonas. Da breve incursão, conclui-se que a lógica de funcionamento do pensamento primevo se encontra ainda presente nas práticas cotidianas das populações amazônicas. Por fim, sugerimos que a sistematização dos saberes produzidos deverá servir como base para a construção de políticas públicas voltadas para as redes de ensino em todos os níveis de formação.

Palavras-chave: Lévi-Strauss, pensamento amazônico, cosmovisões.

ABSTRACT

In the current Brazilian academic scenario, we have observed the exoticizing tendency, used as a way to understand and analyze Amerindian cosmovisions, being replaced by more tolerant postures towards the knowledge framework built by the first inhabitants of the continent. However, it is still necessary to search for the causes that make the Western way of thinking organization so refractory to other forms of rational organization. Committed to building bridges in order to bring together different understanding logic, we support our analysis on the following works: Claude Lévi-Strauss (1989; 2005), in order to reflect on the constitutive peculiarities of Amazonian thinking, in consonance to findings observed in the descriptive-analytical

¹ <https://doi.org/10.51359/2357-9986.2022.251886>

² Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: marilinaserra@ufam.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9633-7470>.

works of Belota (2012); Amazonense (2013) Maisel (2014), developed in the strictu sensu post-graduation course of the Federal University of Amazonas. From this brief incursion, we conclude the functioning logic of primitive thought is still present in the Amazonian populations' daily practices. Finally, we suggest that the systematization of the traditional knowledge produced should serve as a basis for the construction of educational public policies networks at all levels of training, due to its originality and epistemological power.

Key-words: Lévi-Strauss. Amazonian thinking. Cosmovisions.

1. Introdução

Sem promover grandes disjunções entre o vivido e o pensado, as populações ameríndias seguem com seus ritmos de vida tradicionais, ao mesmo tempo, em que incorporam as práticas e novidades tecnológicas ocidentais no seu cotidiano. O presente artigo pretende refletir sobre as peculiaridades constitutivas do pensamento amazônico, de acordo com constatações depreendidas de trabalhos descritivo-analíticos desenvolvidos no âmbito da pós-graduação *strictu sensu* na Universidade Federal do Amazonas.

Destaco que, o termo 'pensamento amazônico' foi criado para enquadrar, de modo genérico, a sociodiversidade epistemológica de um complexo geográfico que abrange nove países da América do Sul, cada um com a sua Amazônia. A expressão suscita dificuldades, uma vez que os arranjos multiculturais que compõem o estrato das populações indígenas amazônicas não se reconhecem em termos de identidade étnica, como amazônidas, mas, a partir de critérios outros, sobretudo, míticos e territoriais, e não a partir dos topônimos inventados no bojo da criação dos Estados Nacionais.

Tanto por parte da comunidade científica como por parte do poder público, ao longo dos quinhentos anos de contato, a tendência exotizante utilizada como via de compreensão e análise das cosmovisões primevas das Américas vem sendo abandonada e substituída, paulatinamente, por posturas tolerantes frente ao arcabouço de saberes construído pelos primeiros habitantes do continente, sobretudo, nos meios acadêmicos, no entanto, tais benevolências, não alteram o projeto de fixação e consolidação do modo capitalista de produção no Novo Continente. É necessário procurar as causas

que fazem com que o modelo ocidental de organização racional se torne tão refratário ao pensamento mítico-ameríndio. No campo das humanidades alguns intelectuais empenharam-se em criar pontes e formas de aproximação para se compreender lógicas outras de entendimento do mundo, cito como exemplo, a análise estrutural dessas narrativas empreendida por Claude Lévi-Strauss no limiar do século passado:

O estudo dos mitos conduz a constatações contraditórias. Tudo pode acontecer num mito, parece que a sucessão dos acontecimentos não está sujeita aí a nenhuma regra de lógica ou de continuidade, toda relação concebível é possível. Contudo esses mitos, aparentemente arbitrários, se reproduzem com os mesmos caracteres e segundo os mesmos detalhes, nas diversas regiões do mundo. Tal é a antinomia fundamental do mito, o conteúdo que parece contingente aparece nos mitos de todos os cantos da terra. (LÉVI-STRAUSS, 1991, p. 121)

Desta breve constatação depreendem-se algumas hipóteses de trabalho, destaco duas: 1) Se os mitos têm um sentido, este não pode se ater aos elementos isolados que se encontram em sua composição, mas no modo pelo qual estes elementos se encontram combinados; 2) Essas propriedades só podem ser pesquisadas acima do nível habitual da expressão linguística, por serem de natureza mais complexa (LÉVI-STRAUSS, 1991). Ora, uma das funções do pensamento mítico é fundar um determinado aspecto da realidade, esse ato inaugural é baseado sempre em acurada pesquisa dos sentidos, a mesma é utilizada para elaborar conhecimentos por meio do mundo das formas, das cores, texturas e sabores. Os animais têm servido como fontes de emoções estéticas e de especulações intelectuais; a natureza biológica do homem constitui um meio ambiente, e está de tal forma ligada ao meio ambiente físico, no qual o homem só apreende o primeiro por intermédio do segundo.

As questões aqui problematizadas podem ser elencadas da seguinte forma: Se, o pensamento amazônico, em seu estrato mais profundo é tributário do pensamento mítico, é necessário que se defina quais são as suas características, suas funções e seus limites. Se, esse modo de perceber o mundo foi exotizado e desvalorizado pela lógica e critérios do pensamento

ocidental, é necessário mapear quais os fatores que promoveram essa desvalorização. Adotamos como premissa, o fato de que o modo de produção dos bens de consumo materiais e simbólicos e ainda o manejo do meio físico praticado pelos povos ameríndios, não atendem aos critérios mercantis do capitalismo enquanto cultura e sistema econômico. Para fundamentar nossas respostas visitamos a obra de Claude Lévi-Strauss por sua dedicação à questão de desvendar o sentido e reabilitar o valor do pensamento praticado pelas sociedades tradicionais; quiçá seja o mais original de todos.

2. Claude Lévi-Strauss e os rigores do espírito

Tomaremos inicialmente as teses levi-straussianas sobre o modo de funcionamento do espírito, aqui entendida como razão, passando em revista a obra *De perto e de Longe*, resultado de entrevista concedida a Didier Eribon (1988), por se tratar de uma espécie de síntese do conjunto de sua produção, e na qual, o antropólogo com grande maturidade se permite olhar, criticar e reiterar seu pensamento.

Na segunda parte da obra denominada, *As leis do espírito*, Lévi-Strauss confessa que, ao se deparar com as ideias de Jakobson em seu trabalho sobre a linguagem percebeu que havia similaridade entre as regras da vida em sociedade, casamento e sistemas de parentesco, expostas em *As Estruturas Elementares do Parentesco* (1949). Por detrás da aparente desordem das experiências empíricas e da miríade de exemplos retirados da observação de várias culturas, há uma ordem secreta que opera à revelia dos homens. Em seu exemplo clássico, cita que os mesmos, proibidos de praticar o incesto e obcecados por esta regra, ao promoverem as trocas de jovens entre grupos mais afastados, fundavam a primeira norma e promoviam a oposição entre natureza e cultura.

Era um esforço para aclarar uma matéria em que a confusão imperava. Para cada sociedade, para cada costume, todos se perdiam em inúmeras explicações particulares, que tentei reduzir a alguns princípios simples. Isso não é a ciência, mas pelo menos se inspira em seu espírito. (LÉVI-STRAUSS, 2005, p. 149).

Na verdade, segundo o próprio pensador, foi uma tentativa de criação de um modelo teórico capaz de dar conta da confusão do real, reconhecido mais tarde como um ‘projeto ambicioso demais...’. Ao criticar o estatuto científico das Ciências Humanas e Sociais, aproveita para elogiar Marx como o primeiro a usar sistematicamente o método dos modelos, seu apego pelo marxismo passava pela mesma ambição compartilhada por ambos: entender que o pensamento humano deve ser relacionado com as condições de sua existência prática. Afinal, foi Marx que fez com que Lévi-Strauss se aproximasse do Idealismo Alemão, Hegel e Kant, dos quais herdou a lição de que “o espírito tem suas limitações, que ele as impõe, a um real para sempre impenetrável, e que só o compreende através dela”. (LÉVI-STRAUSS, 2005, p.156).

No escrito, *O Pensamento Selvagem* (1989), observa-se o esforço em conferir ao pensamento primitivo seu verdadeiro estatuto epistemológico, e nele Lévi-Strauss afirma, de forma provocadora, que “a etnologia é, antes de tudo, uma psicologia” (LÉVI-STRAUSS, 2005, p.157), porque no fundo o que se quer, é saber quais são as regras de funcionamento do espírito materializadas nos objetos e instituições sociais. Afirma ainda, que sua preocupação era demonstrar que não existe um fosso separando o pensamento dos povos primitivos e o pensamento ocidental, uma vez que as formas arcaicas de pensar que explicariam o motivo de comportamentos estranhos ao senso comum estão sempre presentes e atuantes no homem, são tão contemporâneas quanto à ciência:

Pode parecer paradoxal, se reduzirmos a etnologia à coleta de objetos destinados a figurar nos museus. Mas a partir do momento em que olharmos esses objetos como pensamento de alguma forma materializado, a frase que você citou ganha um sentido. O que saímos a procurar a milhares de quilômetros, ou muito perto, são meios suplementares para compreender como o espírito humano funciona. Fazemos, pois, uma espécie de psicologia. E o que já é verdade com relação aos objetos, é mais verdadeiro ainda quando consideramos as crenças, os costumes e as instituições. (LÉVI-STRAUSS, 2002 p. 157)

Ao falar da ‘bricolagem’, como técnica de operacionalização dos mitos, Lévi-Strauss chama atenção para um tipo de pensamento com originali-

dade específica e que não é valorizado porque nos coloca em contato com formas bem distantes do modo moderno de pensar, posto que opera, a partir de um arcabouço de imagens acumuladas pela observação do mundo natural. A construção de sentido, dessas peças aparentemente soltas, depende do seu emprego em determinada cultura. O alcance epistemológico da obra foi uma tentativa de superação da oposição clássica na História da Filosofia Ocidental, entre a ordem do sensível e a ordem do inteligível, distinção refratária no pensamento ‘selvagem’ uma vez que continua valorizando os dados dos sentidos. O que foi denominado como ‘Ciência do Concreto’ e que a ciência contemporânea depois de lhe ter virado as costas, agora, vem fazendo um esforço para recuperá-la:

Contrariamente à tese proposta por Foucault em *As Palavras e as coisas* – a de uma ruptura radical entre epistemes – percebo na ciência contemporânea um esforço para recuperar as etapas arcaicas do seu desenvolvimento, para integrar antiquíssimas sabedorias à sua visão de mundo. A filosofia e a ciência moderna operam a partir da fragmentação do objeto, operação rejeitada pelo pensamento selvagem ao buscar uma explicação total da realidade que liga todos os domínios da vida para resolver um problema específico, denominada por Marcel Mauss como “fato social total”. (LÉVI-STRAUSS, 2002 p. 159)

Ainda referindo-se ao texto *A Ciência do Concreto*, Lévi-Strauss busca demonstrar, a partir do imenso repertório de materiais coletados na literatura de cronistas, cientistas e missionários, ao longo dos anos em que lecionou na América e na França, a tese, de que o pensamento selvagem não demonstra interesse somente por aquilo que é útil, mas porque também os elementos do mundo natural tais como os animais, as plantas e os insetos, que entre si, mantêm relações significativas, ‘são bons para pensar’. Trata-se de um conhecimento desenvolvido e sistemático, engenhoso e extremamente dedicado aos detalhes:

Para transformar uma erva silvestre em planta cultivada, uma besta selvagem em animal doméstico, para fazer aparecer em uma ou em outra, propriedades alimentares ou tecnológicas que, em sua origem estavam completamente ausentes ou apenas podiam ser suspeitadas (...) para transformar grãos ou raízes tóxicas em

alimentos ou ainda utilizar essa toxicidade para a caça e para a guerra ou o ritual, não duvidemos de que foi necessária uma atitude de espírito verdadeiramente científico, uma curiosidade assídua e sempre alerta, uma vontade de conhecer pelo prazer de conhecer, pois apenas uma pequena fração das observações e experiências (sobre as quais é preciso supor que tenham sido inspiradas antes e, sobretudo, pelo gosto do saber) podia fornecer resultados práticos e imediatamente utilizáveis. (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 30)

Ao restabelecer a velha noção de natureza humana, Lévi-Strauss lembra que o cérebro humano, em qualquer lugar, é constituído da mesma forma, o que se diferencia são os modos como os problemas são levantados e resolvidos, isto ocorre sob as formas mais diversas, influenciados diretamente pelo seu meio geográfico, clima, pelo seu passado histórico antigo e recente, por cada membro da sociedade, sua biografia e posição que ocupa. Seguindo os postulados estruturalistas o pensador reitera que as formas são idênticas em todas as sociedades, variáveis são os seus conteúdos. Confrontado com um problema particular, o pensamento mítico coloca-o em paralelo com outros, utilizando-se de vários códigos.

Perguntado sobre a definição do mito, Lévi-Strauss afirmou não ser uma pergunta fácil de ser respondida por que ela pode ser respondida de vários modos. Após argumentar acerca das suas características, conclui que o mito, pode ser definido, como “o conjunto das suas variantes e que não existe uma versão autêntica ou primitiva, todas devem ser levadas a sério simultaneamente” (LÉVI-STRAUSS, 2005, p. 199). O pensador dos mitos foi lembrado na entrevista, de que no final da obra *A oleira ciumenta* (1985) chamou-o de “um espelho engordante”. O que prontamente foi reiterado, na sua pretensão da descoberta de uma ordem subjacente, uma estrutura profunda que possa dar conta da diversidade caótica de práticas e representações sociais, tudo se resume finalmente na tentativa de organizar o real e que, no entanto, nunca se chega a um sentido último. Segue-se o *modus operandi* de tal espírito na sua ótica apurada:

É característica do mito, diante de um problema pensá-lo como homólogo a outros problemas que surtem em outros planos: cosmológico, físico, moral, jurídico, social, etc. E analisar tudo em conjunto. (...)

Para explicar por que, diferentes de início, as coisas se transformam no que são, e por que elas não podem ser de outra maneira. Justamente porque, se mudassem num domínio particular, toda a ordem do mundo seria perturbada, devido à homologia dos domínios. (LÉVI-STRAUSS 2005, p. 198)

Assim a utilidade do mito é ilustrativa das transformações do real. O mito explica como as coisas se transformam, ele propõe um quadro definível por suas regras de construção para se decifrar imagens do mundo, da sociedade, da história, escondidas no limiar da consciência. O significado nada mais é que o estabelecimento da correspondência, e os mitos ao atuarem por meio de imagens e acontecimentos narrados, apresentam de forma maciça e crua as condições mais gerais do exercício do pensamento. (LÉVI-STRAUSS, 2005, p. 201)

3. Confirmando as teses lévi-straussianas

Analisamos alguns trabalhos apresentados na Pós-Graduação da Universidade Federal do Amazonas, e observamos que, tanto no nível de algumas temáticas como nos métodos de abordagem dos problemas-objeto, sobretudo, àqueles referentes aos modos como se dão as práticas de vida das populações amazônicas, como os saberes tradicionais, considerados aqui como resquícios do pensamento selvagem, confirmam as observações e teses propostas por Lévi-Strauss ao longo da sua obra, ao tentar elaborar uma caracterização sobre tal tipo de epistemologia.

Longe de estabelecermos aqui um inventário das pesquisas observadas, optamos por um comentário breve e ilustrativo das nossas ilações, a partir de um pequeno recorte contendo três Dissertações de Mestrado defendidas no âmbito do Instituto de Filosofia Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas (IFCHS/UFAM) que abriga, entre outros, os Programas de Pós-Graduação em Sociologia, Geografia e Sociedade e Cultura na Amazônia, dos quais esses trabalhos são oriundos. Escolhemos o critério temporal para apresentação do resumo e comentário dos trabalhos, defendidos respectivamente nos anos de 2012, 2013 e 2014. Em 2012, a pesquisadora Juliana Mitoso Belota defendeu o trabalho intitulado *Neká*

Mahsá (Gente-Estrela): um estudo de vivências do Calendário Desana no Tupé, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia:

O trabalho centra-se na discussão do Calendário Astronômico Desâna e em sua (re) significação no âmbito do turismo e da etnoconservação na comunidade Desâna do Tupé, lócus da pesquisa. O objetivo inicial da investigação foi fazer uma análise dos aspectos da mitologia contidos nas vivências Desâna, no Tupé. Partimos das narrativas do livro, publicado pelo Instituto Socioambiental da Amazônia, Bueri Kãdiri Marirye “*Os ensinamentos que não se esquecem*” (DI-AKURU&KÍSIBI, 2006) para a análise dos elementos cosmogônicos presentes no calendário demonstrativo Desâna do Tupé. A pluralidade empírica do tema fez com que estendêssemos a análise à identificação não só dos elementos do calendário mítico, contidos no pacote turístico oferecido ao público, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé, mas à função social do xamanismo Desâna, onde ele sobrevive aos modos do turismo globalizado. A observância da dinâmica ambiental alterada pelo fator mudança, tanto a ocasionada pela mobilidade territorial do alto para o baixo rio Negro, como a ocasionada pelas mudanças climáticas, as quais são observadas na região, foi algo a que, de um modo transversal, nos dedicamos no entendimento dos significados do uso deste calendário entre este grupo. Do ponto de vista do processo de ruptura e expropriação da sua cultura, na lida com atividades exógenas à sua tradição, a análise do retorno à casa-de-reza - focada nos aspectos xamânicos das vivências tradicionais – resulta, em nossa hipótese, na afirmação de um campo de reterritorialidade reconhecido pelos Desâna. A aproximação com os elementos que guardam a memória da tradição - mitos e hierofanias presentes nos modos-de-fazer que transitam do conhecimento anterior às gerações, aos modos modernos-contemporâneos do saber-fazer Desâna, no Tupé - nos levaram às estruturas que são o caminho percorrido até o entendimento da memória como sistema de adaptação para o grupo. Sistemas a partir dos quais se apropriam da tradição, de um modo diferenciado, para seu desenvolvimento local e estabelecimento como etnia culturalmente diferenciada do rio Negro, em contexto semiurbano, no entorno da cidade de Manaus. Neste caminho, da memória, encontramos o calendário, na “borda” da própria cultura. Ferreira (2010) define o termo como “desenho de contornos” por onde, a meu ver, os Desâna, no Tupé, passam e perpassam,

“num fluir de dentro e fora da cultura”. Este entrecruzar de contornos e saberes foi nosso objeto de análise. O grupo, liderado pelo Kísibi- Kumu Desâna, Raimundo Fontes Vaz, é descendente do grupo de avós citados por Diakuru & Kísibi (2006), o sib Wahari Dihputiro Porã, do igarapé Urucu, afluente do rio Tiquié. Nossa abordagem foi qualitativa e recorreu a entrevistas estruturadas e semiestruturadas, no propósito de conhecer os diversos aspectos da cultura Desâna que transitam em suas vias de sobrevivência atuais. Nossa hipótese é de que os Desâna, no Tupé, mantêm uma relação de sacralidade com a memória mítica-ritual tradicional do seu calendário astronômico e que são capazes de descrever as relações simbólicas e cosmológicas associadas a ele, o que nos permite analisar a polaridade moderno-tradicional, nesta vivência. (BELOTA, 2012, p.8)

No âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia, no ano de 2013, a pesquisadora indígena, da etnia Baré, Terezinha Alemam Amazoneense defendeu seu trabalho sob a orientação da Prof. Dra. Ivani Ferreira de Faria, intitulado: *Territorialização do Patrimônio no Alto Rio Negro: da geografia mítica à geografia indígena*:

O presente trabalho apresenta a percepção dos povos indígenas do Alto Rio Negro sobre cultura, patrimônio e território, identificando e descrevendo os mesmos de modo a buscar nas leis e políticas culturais, nacionais e internacionais, subsídios que forneçam instrumentos necessários para revitalização e fortalecimento destes patrimônios territorializados que são vistos como indissociáveis entre homem/natureza, destacando a Geografia indígena. Os estudos buscaram diagnosticar os impactos socioambientais decorrentes das formas de uso destes patrimônios. Para isto, pelo procedimento metodológico fez-se a revisão bibliográfica sobre trabalhos produzidos por pesquisadores sobre o Alto Rio Negro; foram realizadas sessenta entrevistas com idosos, adultos e jovens indígenas falantes das três línguas co-oficializadas no município de São Gabriel da Cachoeira em 2002: Baniwa, Nhengatú e Tukano; a observação direta enfocou os impactos socioambientais sobre o patrimônio. Os resultados indicam que: a cultura, o patrimônio e o território na concepção indígena estão intimamente conectados e determinam os modos de vida, os valores dispostos por todo o território; o registro do patrimônio por si só não fortalece a identidade, esta deve ser difundida e praticada através

da educação ambiental/patrimonial nas escolas e comunidades. As conclusões que faz é que as leis existentes encontram-se sempre em fase de implantação e experiências, mas não correspondem à realidade. Por isso, tem-se como proposição ouvir e ver o futuro preconizado por estes povos que legitimam a posse do território referenciado em suas memórias herdadas de seus antepassados e deixem de ser objetos de estudo e tornem-se sujeitos do próprio conhecimento. (AMAZONENSE, 2013).

No Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, de caráter interdisciplinar, a pesquisadora e artista, Professora Priscila de Oliveira Pinto Maisel defendeu no ano de 2014, sob a orientação da Profa. Dra. Rosemara Staub, o trabalho intitulado: *Os caminhos da cobra na poética da artista plástica Bernadete Andrade*, nesta bela discussão estético-epistemológica, Maisel (2014) resume:

A artista plástica amazonense Bernadete Andrade (1953-2007) traz em seu conjunto de obras referências de seu meio cultural. Nesta pesquisa buscamos compreender as relações intrínsecas e extrínsecas ocorridas no processo de criação em artes, discutindo as inter-relações culturais e os elementos visuais presentes na sua obra. Nosso objetivo é percorrer parte deste processo de criação para interpretarmos as imagens da serpente encontradas em seus desenhos, pinturas e intervenções artísticas, no período de 1989 a 2006. Quanto aos procedimentos metodológicos e técnicos, recorreremos à Crítica Genética para a análise de documentos de processo, tais como esboços, rascunhos, textos, cadernos de estudo, entre outros. Utilizaremos, também, da pesquisa bibliográfica para embasamento do contexto cultural da artista. Seguimos um método multidisciplinar de estudo e estabelecemos uma rede complexa, o que justifica nossa abordagem semiótico-sistêmica. Observamos, assim, as relações intersemióticas construídas na semiosfera da artista, que envolvem aspectos da cultura amazônica e universal. E percebemos o caminho percorrido por ela na elaboração e amadurecimento de seu estilo e escolhas temáticas, fazendo ligação estrutural e conceitual entre suas obras, a partir da imagem da cobra, no decorrer de dezessete anos de sua carreira. Nossa hipótese, portanto, é de que a linha e a cobra foram utilizadas pela artista como metáforas da criação. (MAISEL, 2014)

Ilustrativos, da forma pulsante como o pensamento ameríndio ainda se apresenta em sua plenitude na vivência dos povos amazônicos, os recortes empíricos das pesquisas acima referidas, conferem legitimidade às observações feitas por Lévi-Strauss em relação ao pensamento mítico, fundamento do que aqui estamos chamando de pensamento amazônico. A tríade de objetos investigados expressa cosmovisões de povos nativos da macrorregião cultural do Alto Rio Negro, a saber.

Belota (2012) buscou investigar o Calendário Astronômico Desana e sua ressignificação, na vivência cotidiana de uma família na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé, próximo ao entorno urbano da cidade de Manaus. O ponto de partida para o estudo foi a publicação da obra, *Beri Kãdiri Maririye - Os ensinamentos que não se esquecem (2006)*, narrados por Américo e Durvalino Fernandes, no qual o sistema do Calendário Desana é exposto e deve ser considerado muito mais do que a atividade simples da contagem do tempo, neste caso trata-se de articular as observações ligadas à natureza (estações do ano, caça, pesca, colheita) com os mitos cosmogônicos focados em um clã específico. A reapropriação do conjunto de mitos narrados e ritualizados se deu na prática do turismo xamânico, no qual os consumidores buscam a interação e o conhecimento com as plantas sagradas da floresta. Nesta comunidade os turistas são recebidos na Casa-de-Reza, trata-se de um turismo globalizado que une a polaridade modernidade versus tradição, e cujo tecido constitutivo nunca se esgarça segundo a ótica levi-straussiana na medida em que não existe uma versão original dos mitos, a matéria do qual são constituídos comportam as transformações.

O arcabouço de imagens arcaicas que constitui a memória desta pequena família que habita a R.D.S. do Tupé serviu de base para ditar o modo peculiar de existência daquele grupo, o que os tornam diferentes dos outros moradores do lugar. O modo Desana tradicional de lidar com a terra e de celebrá-la, conectou a família indígena com o restante do mundo, na medida em que o turismo xamânico vem sendo cada vez mais demandado por camadas urbanas. Temos, neste caso, o funcionamento pleno do pensamento mítico operando a partir de imagens acumuladas pela observação do mundo natural, cuja posse não pertence à família do Sr. Raimundo Vaz, o xamã do grupo, mas à coletividade Desana. O estudo desse caso, segundo Belota, nos

desafia a pensar as conexões entre local e o global e a reapropriação cultural em contexto de novas adaptações.

Amazonense (2013) buscou investigar as noções de cultura, patrimônio e território na percepção dos indígenas residentes no município de São Gabriel da Cachoeira, e ao realizar entrevistas com os falantes do Tukano, Baniwa e Nheengatu constatou que as noções acima estão intimamente conectadas e são indissociáveis.

Com destaque para a geografia mítica da região, na qual cada acidente geográfico possui uma narrativa para explicar sua origem relacionada aos feitos dos heróis e dos seres sobrenaturais que não se apartaram da sua criação mais lá continuam ocultos, as noções de cultura e patrimônio assim se alargam, uma vez que são essas narrativas que determinam os valores, as regras o *modus vivendi* daquelas populações dispostas por todo o território. Deste modo, aqui é reiterada a tese de que todos os domínios do real estão interligados por meio de códigos, e a atribuição de significados nada mais é do que o estabelecimento de correspondências.

A partir dessa conclusão observamos aqui a função social do pensamento mítico que é fundar um determinado aspecto da realidade, tudo o que existe no mundo assim o é, por determinações secretas que se revelam ao homem por meio da palavra proferida, por meio da discursividade dos mitos as transformações acontecem, conforme constatado na obra *Antropologia Estrutural Dois* (1993) de Lévi-Strauss todas as relações possíveis são concebíveis no mito e, para ele não existe uma lógica de continuidade, tal é sua antinomia fundamental, o que aparece como dados contingentes se repetem em todos os lugares do mundo.

Maisel (2014) dedicou-se ao estudo da obra da artista plástica amazonense Bernadete Andrade (1953-2007), seguindo os rastros das referências culturais do meio onde viveu, por meio da crítica genética e da abordagem semiótica-sistêmica foram analisadas mais especificamente as imagens recorrentes da cobra que aparecem na obra da artista no período que compreendeu os anos de 1989 a 2006. Maisel (2014) encontrou na semiósfera de Bernadete Andrade aspectos da cultura amazônica e universal e conclui que a linha e a cobra são metáforas da criação.

Quando a pesquisadora fala em criação, estende o sentido do verbo criar ao fundo mais remoto dos mitos imemoriais das pesquisas empreendidas pela artista. Preocupada em buscar referências sobre a cultura amazônica, mergulhou na leitura de mitos indígenas propondo uma discussão entre a pintura ocidental e a pintura nativa. A escolha do estudo da linha e da cobra na obra de Andrade refere-se à cobra da transformação da mitologia sagrada do povo Desana, personagem mítico importante no mito cosmogônico dos povos do Alto Rio Negro e que foi um dos temas recorrentes nos grafismos, pinturas e instalações da artista, entre elas *A Iluminação da Jarakara* (2002) realizada em um cemitério indígena no Conjunto Nova Cidade, em Manaus.

Entre os temas tratados no conjunto da obra da artista, o que aqui destacamos por meio do trabalho de Maisel (2014) é o fundo mítico das suas memórias biográficas pessoais que se confundem com a própria memória da cidade e da cultura amazonense. O modo como Andrade manipulou esses materiais e conectou sua história pessoal com um pano de fundo mítico muito maior:

A arte de Bernadete Andrade, assim, tem profundas relações com a cultura indígena e o aspecto mnemônico. Entre o lembrar e o esquecer, vão-se entrelaçando os aspectos do ser e da vida no sentido mais amplo. A memória, segundo a artista, é o que resgata o significado do ser do verdadeiro habitante em nós, e o que influencia sua trajetória artística é a revelação do passado que se faz no presente comum dos povos. Os antepassados que contam nossa história original. (...) O seu trabalho se relaciona diretamente à memória do ser e do lugar, e à invenção de cidades imaginárias que partem do seu universo criativo em comunhão com o mítico dos povos indígenas, que representa o passado vivo através da palavra e da arte. (MAISEL, 2012, p. 48)

Aqui podemos questionar, por que essas influências indígenas se colocaram de maneira tão impositiva na obra de Andrade, arrisco dizer que a linguagem artística cumpre o seu papel de expressão de um sistema acabado de pensamento. No caso do pensamento mítico ele é, por excelência, imagético. As obras de Lévi-Strauss são, na sua grande maioria, ilustradas do início ao fim, indagado sobre essas ilustrações por Eribon, o antropólogo ex-

plica que os mitos põem em cena espécies de animais e plantas exóticas que criam a necessidade de oferecer ilustrações ao leitor, como é o caso das *Mitológicas*, nas quais velhas gravuras da Botânica e da Zoologia ainda não divorciadas do folclore tornavam mais poéticas e vivas a percepção dos mitos. (LÉVI-STRAUSS, 1988, p. 238)

Sua ligação com a arte e os artistas vinha de sua herança familiar, criado em um ambiente artístico, intelectualmente muito rico, levou essas influências para sua trajetória intelectual. Ao tentar explicitar as formas de funcionamento do espírito humano discorre sobre a bricolagem intelectual como técnica da reflexão mito-poética muito próxima do trabalho da arte e da ciência, nos quais a exigência de organização se impõe por meio de uma taxionomia possuidora de valor estético eminente (LÉVI-STRAUSS, 1962). Encontrando-se em posição intermediária entre a imagem e o conceito, os signos são elementos da reflexão mítica arranjados para compor uma mensagem dentro de um conjunto formado a partir dos materiais disponíveis para formar um quadro pleno de significado.

A arte, segundo Lévi-Strauss, situa-se a meio caminho entre o conhecimento científico e o pensamento mítico ou mágico uma vez que o artista por meio da bricolagem elabora um objeto material que também é objeto de conhecimento. O modelo reduzido, ou seja, a redução da escala pressupõe que o conhecimento do todo precede o conhecimento das partes, ou seja, aqui acontece uma espécie de inversão do processo do conhecimento que quebra o objeto em várias partes. “E, mesmo que isso seja uma ilusão, a razão desse procedimento é criar ou manter uma ilusão, que gratifica a inteligência e a sensibilidade de um prazer que, nessa base apenas, já pode ser chamado de prazer estético” (LÉVI-STRAUSS, 1962, p. 39), e ainda pelo fato de ser feito à mão constitui uma verdadeira experiência sobre o objeto, na medida em que é apreendido seu modo de fabricação, portanto, em suas dimensões inteligíveis, assim Bernadete Andrade recria por meio de sua imaginação e talento plástico o universo mítico e imemorial da cultura rio negrina.

A matança indiscriminada dos povos indígenas e todo o legado cultural, oral e imaginário que nos foi deixado foram usados de forma poética por Bernadete: seja

no calendário astronômico dos Dessana, de como se vive de acordo com os ritmos cósmicos; passando pelo percurso da cobra-canoa, e pela obra de Lana “*Antes o mundo não existia*” que conta da criação do mundo e a leva à 13ª casa, a maloca da cobra onde hoje é Manaus. Como escreveu a artista: “Ambos, mito e calendário são fontes inspiradoras que nos levam pelo imaginário ao retorno às origens” (MAISEL apud ANDRADE, 2002, p. 63).

Conclui-se então desta breve análise dos trabalhos de Belota (2012); Alemam (2013) e Maisel (2014) que a lógica de funcionamento do pensamento mítico se encontra presente nas vivências e práticas cotidianas das populações que habitam a Amazônia. Em novos contextos de mudança do quadro ambiental planetário subsiste uma lógica diferenciada de pensar e de perceber a floresta e seu modo de funcionamento, graças a essa visão de manejo tradicional do meio ambiente, cuja maior parte encontra-se preservada.

4. Implicações para a construção de políticas para a Pós-Graduação e Redes de Ensino

De acordo com estudos teóricos recentes sobre a oferta dos cursos de pós-graduação no Brasil, o conhecimento, adquiriu um *status* de bem público, capaz de sustentar o desenvolvimento de uma sociedade. Cirani; Campanário e Silva (2015), em pesquisa recente demonstraram alguns números da pós-graduação *stricto sensu* a partir da observação de indicadores básicos como: a) os Programas ofertados, b) o corpo docente e discente (quantitativo de matriculados e titulados). Concluíram que, na penúltima década (1998-2011), houve uma evolução positiva, tanto do ponto de vista quantitativo como qualitativo, dando destaque para a explosão da criação do número de mestrados profissionais e a grande desigualdade na distribuição regional dos Programas com forte concentração nas regiões mais ricas do Brasil e o grande crescimento de cursos ofertados no setor privado. O norte responde apenas por 4%, enquanto o sudeste concentra 51%, seguido do sul 20%, do nordeste 18% e 7% na região centro-oeste. Essa assimetria continua sendo observada no acompanhamento avaliativo da Capes na última década, de acordo com os dados da Plataforma Sucupira. Do total de 4.630 cursos avaliados e reconhecidos na rede, quase três mil concentram-se nas regiões sul

e sudeste, enquanto o restante está distribuído entre o centro-oeste, nordeste e norte.

Se levarmos em consideração o início tardio da pós-graduação brasileira *strictu sensu* com a criação da Capes em 1951, como entidade vinculada ao Ministério da Educação que tem como objetivo a execução da política nacional de pós-graduação, observaremos que seu arco de crescimento vem acompanhado juntamente com o crescimento da indústria e dos postos de trabalho de todos os setores econômicos da sociedade, a necessidade cada vez mais imperiosa de mão-de-obra qualificada, para fins de que o Brasil entre na lista dos países desenvolvidos e isto vem acontecendo de maneira extremamente desigual.

Sou de uma geração de professores das IES que, ao ingressar como Docente de Carreira nos inícios dos anos 90 necessitou se afastar para os grandes centros econômicos do Brasil para se qualificar. Na última década, a Universidade Federal do Amazonas, graças à política nacional de expansão da pós-graduação, entre outros fatores, foi agraciada com a criação de inúmeros cursos *strictu sensu* distribuídos em todas as grandes áreas do conhecimento. Atualmente, nosso alunado conta com uma oferta relativamente diversificada desses cursos, se compararmos essa situação em um passado recente. No atual estado de arte, no qual, a esmagadora maioria dos cursos criados, ainda busca elevar uma nota maior do que a de partida, e assim construir seu reconhecimento a nível local e global, ainda parece incipiente ou supérfluo pensar no aprimoramento das políticas de pós-graduação, pelo menos internas, em vista da premência de organização e assimilação da ‘cultura científica’.

No entanto, aqui, pela natureza da discussão sobre as peculiaridades de uma determinada forma de pensamento reiterada em diversos trabalhos apresentados em alguns cursos de pós-graduação *strictu sensu* da Universidade Federal do Amazonas, estou à vontade para refletir sobre algumas questões que, talvez, pudessem tornar-se desdobramentos dessas descobertas científicas.

O conhecimento produzido, sobretudo nas Instituições de Ensino Superior da região norte, vem fornecendo elementos quantitativos e qualitativos para um diagnóstico da região amazônica; observo que, seria

interessante se esse conhecimento circulasse para além dos limites da universidade, no mínimo na esfera educacional pública e privada, seja na difusão desses conhecimentos no nível das graduações e do Ensino Médio, seja na transformação dos mesmos em produtos que contribuíssem na organização dos currículos e planejamentos pedagógicos das secretarias de educação municipais e estaduais.

5. Considerações finais

Nesta breve reflexão sobre o ‘pensamento amazônico,’ manifesto no resultado das três pesquisas aqui elencadas e empreendidas no bojo da pós-graduação na Universidade Federal do Amazonas, emergem relações possíveis com o inventário das características do pensamento mítico descritas na análise estrutural empreendida por Claude Lévi-Strauss, a saber: 1) suas propriedades de natureza complexa; 2) fundação de um determinado aspecto da realidade embora busque uma explicação total dela ; 3) sentido encontrado apenas na composição do conjunto e não em seus elementos isolados; 4) existência de pensamento que opera a partir de um arcabouço de imagens acumuladas pela observação do mundo natural; 5) valorização dos dados dos sentidos; 6) estabelecimento de correspondências e homologia de planos; 7) pensamento dedicado aos detalhes e à acurada pesquisa dos sentidos; 8) demonstração de interesse não somente pelas coisas utilitárias, mas, também, pelas relações significativas entre os elementos naturais.

A lista acima, responde parcialmente, à primeira das duas questões propostas na introdução, essas seriam algumas das funções, características, e limites do pensamento dos povos originários. Concluimos que, a construção dos saberes no pensamento amazônico, sobretudo, os aspectos relacionados ao fazer científico obedecem a uma lógica diferenciada do modelo ocidental que, opera de forma disjuntiva, isolando os aspectos da realidade e considerando a oposição dos domínios da natureza e da cultura, completamente apartados pelo trabalho da razão. Nessa perspectiva, o homem assume o controle total e irrestrito sobre as demais espécies e os recursos naturais existentes para fins de produção de riquezas que acabaram por gerar o ciclo desenfreado de produção e de consumo.

Na realização de pesquisas como as de Belota (2012); Amazonense (2013) e Maisel (2014) vislumbro a possibilidade de que essa visão eurocêntrica e desqualificadora sobre o pensamento amazônico seja, ao invés de exotizada, como ainda o é até hoje, substituída pelo respeito e tolerância em relação às outras culturas. Tomar conhecimento da existência de uma Geografia mítica que determina a distribuição territorial das populações do Alto Rio Negro, saber da existência de um Calendário Astronômico igualmente mítico que comporta 22 estações e regula os ciclos de manejo das espécies animais e vegetais e, ou saber valorizar e apreciar artisticamente referências e modelos inspiradores que rompem com a tradição estética ocidental é, de fato, e precipuamente uma tentativa de legitimar o pensamento amazônico e, quem sabe assumir, o protagonismo epistemológico necessário para avançarmos de acordo com nossos interesses. Hatoum em carta de recomendação referida à Andrade e escrita em 1992 faz um diagnóstico da artista que caminha nessa direção:

Ela utiliza nas suas obras de arte signos e símbolos da cultura ameríndia, compondo formas pictóricas que surpreendem pela sua originalidade e invenção. Pelo fato de ser uma pesquisadora da linguagem pictórica e possuir um projeto estético bastante pessoal, entendo que a obra desenvolvida por Bernadete supera a produção artística regional, quase sempre voltada à representação exótica e primitiva da natureza amazônica. (HATOUM apud MAISEL, p. 165, 2012)

Em 2005, Lévi-Strauss por ocasião do Ano do Brasil na França retornou ao país que lhe proporcionou a oportunidade de iniciar sua antropologia americanista, já o havia feito em 1985 em visita diplomática junto à Comitiva do Presidente François Mitterrand, na qual teve oportunidade de sobrevoar o território ocupado pelos Bororo em viagem aérea cuja decolagem ocorreu em Brasília, ainda inexistente na década de 30 época de sua estada paulistana no país. Infelizmente, o avião não teria condições técnicas de sair das aldeias porque suas pistas eram muito curtas. O local, que teria acidentalmente sido escolhido para iniciar por meio dos seus mitos, a saga ameríndia da sua análise estrutural com o mito Bororo do desaninhador de pássaros, só pôde ser vislumbrado do alto. O antropólogo não escondeu sua surpresa em encontrar um Brasil rural e urbano muito diferente daquele que

havia vislumbrado pela primeira vez, a qual lhe causou uma verdadeira revolução mental.

Na obra *Longe do Brasil* (2005), concedeu entrevista à Veronique Morigne, na qual confessou que a estada brasileira foi a experiência mais importante de sua vida e determinante para sua carreira, oportunidade na qual, o mesmo, colocou em cena, o pensamento dos povos indígenas situados no país. Apesar do esforço gigantesco empreendido pelo conjunto da obra dedicada ao estudo dos mitos, na entrevista concedida a Eribon, o pensador surpreendentemente declara que a Ciência dos Mitos é ainda balbuciante: “Tudo ou quase tudo está por fazer antes que se possa falar de verdadeira ciência” (LÉVI-STRAUSS, 2005, p. 194). Com essa afirmação Lévi-Strauss lança um vaticínio sobre as descobertas que, porventura, ainda hão de se fazer a partir do interesse e do compromisso acadêmico em seguir o desenvolvimento do pensamento selvagem, em muitos momentos, convidado a se reinventar, sobretudo, na presença do seu anverso, o pensamento técnico-científico a serviço do capital. O problema epistemológico fundamental é o do conhecimento e a compreensão do humano, a partir da perspectiva que concebe a diversidade dentro de uma unidade, chamada por Lévi-Strauss de unidade profunda do real e que abarca a linguagem, natureza, percepção e o intelecto.

Recebido em 11/11/2021

Aprovado em 19/11/2021

REFERÊNCIAS

AMAZONENSE, T. A. *Territorialização do Patrimônio no Alto Rio Negro: da geografia mítica a geografia indígena*. 2013. 145 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013. Disponível em <http://tede.ufam.edu.br/handle/tede/2789>. Acesso em 25 out. 2020.

BELOTA, J. M. *Neká Mahsá (gente-estrela): Um Estudo de Vivências do Calendário Desâna no Tupé*. 2012, 205 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012. Disponível em <http://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3924>. Acesso em 25 out. 2020.

Bueri Kãdiri Mariiye: os ensinamentos que não se esquecem/narrador Diakuru (Américo Castro Fernandes), intérprete Kisibi (Durvalino Moura Fernandes) – São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro; Santo Antônio, AM: UNIRT – União das Nações Indígenas do Rio Tiquié, 2006 (Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro, v. 8).

CIRANI, C.; CAMPANARIO, M.; SILVA, H. *A evolução do ensino da pós-graduação senso estrito no Brasil: análise exploratória e proposições para a pesquisa*. Revista Avaliação, Campinas, Sorocaba, SP, v. 20, n. 1, p. 163-187, março. 2015.

DUBUISSON, D. *Mythologies du XX eme Siècle* (Dumézil, Lévi-Strauss, Eliade). Lille: Presses Universitaires de Lille, 1993.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural*. Tradução Chaim Katz, Egi-nardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

De Perto e de Longe. Claude Lévi-Strauss/Didier Eribon. Tradução Lea Melo; Julieta Leite. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

LÉVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares de parentesco*. Tradução Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982.

LÉVI-STRAUSS, C. *O Pensamento Selvagem*. Tradução Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1989.

LÉVI-STRAUSS, C. *Longe do Brasil*. Entrevista com Veronique Morigne Tradução Jorge Villela. São Paulo: UNESP, 2011.

MAISEL, P. O. P. *Os caminhos da cobra na poética da artista Bernadete Andrade*. 2014, 182 f. Dissertação. (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2014. Disponível em: <http://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4341>. Acesso em 31 mar. 2020.

Plataforma Sucupira. <https://sucupira.capes.gov.br>. Acesso em 22 set. 2021.

PINTO, P. (org.) *Bernadete Andrade: por entre pinturas e cidades imaginárias*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2012.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.